

## DESEJO E FANTASIA

*Ricardo Estacolchic*

Começo por uma proposição simples e de aceitação generalizada: a fantasia sustenta o desejo.

Por sua vez, o desejo é busca de gozo, de ser, de plenitude. Assim como o desejo é falta no ser, o gozo seria o ser.

É muito conhecido também o clássico par do obsessivo e da histérica, ela mais ou menos queixosa e ele mais ou menos compensado.

Por que este é o par habitual? Não basta responder que estatisticamente as mulheres costumam ficar do lado histérico e os homens do lado obsessivo, porque ainda que isto seja verdadeiro em geral, não é sempre; e porque tampouco qualquer histérica forma par com qualquer obsessivo.

Um par se forma por engate da fantasia. Isto é: uma zona onde a sequência da fantasia inconsciente de um dos parceiros “cavalga” sobre a sequência da fantasia do outro. Este encaixe inclui queixas e lamentos conscientes.

Freud evoca o mito de Aristófanes dos seres duplos, condenados pelos deuses a buscar a sua metade perdida, sua cara metade. Ele aborda as coisas pelo lado do narcisismo,

ponto de vista correto se se adverte que o narcisismo, a imagem completa vela o objeto da fantasia.

Deste modo, a busca da unidade perdida pode escrever-se  $\mathcal{S} \rightarrow a$

*“O que temos por hábito de chamar corpo, quiçá não é mais que esse resto que chamo objeto a”. (Sem. XX, Encore)*

A imagem de  $a: i(a)$ , chamemo-la “a outra pessoa”, vela e assinala o objeto  $a$  da fantasia  $\mathcal{S} \diamond a$ . Os parênteses podem ser lidos como a vestimenta que indica o objeto parcial não empírico em jogo, ao mesmo tempo em que lhe outorga brilho fálico, completude e boa forma. A boa forma deve sem embargo evocar a falta. Essa “evocação” motoriza o desejo e, se bem que hajam diversos matizes, costuma adquirir tonalidades fetichistas.

Existem várias maneiras simples de perceber na vida diária isso que eu chamo engate da fantasia. Uma dessas maneiras é escutar uma declaração muito frequente quando duas pessoas se conhecem e se enamoram subitamente. Elas costumam exclamar, mesmo quando tenham se visto apenas uma vez ou duas: “É como se a (o) conhecesse desde sempre”.

E não deixam de ter razão, porque o que conhecem desde sempre, ainda que sob a forma do desconhecimento, é o modo em que sua fantasia organiza cada uma de suas realidades. Esse desconhecimento ocorre sob pressão de um enérgico: “Não quero sabê-lo!”: Conhece-se algo disso na repetição:

*Três anos depois da interrupção da sua análise, um moço decide retomá-la. O motivo inicial de consulta havia sido um processo de separação: oscilava entre duas mulheres,*

*finalmente se decide por uma delas e interrompe.*

*Quando regressa, encontra-se muito angustiado. Conforme ele relata sua situação vital, começou a dar-se conta de que uma vez que parece estabilizar o seu “par”, “algo” o impulsiona a “demolir a relação”. Logo encontra outra, vai-se com a nova e começa outra vez o ciclo. Porém o que o tem perturbado é que os lapsos vão se tornando cada vez mais curtos. A primeira vez, o tour levou 5 anos (na época da sua primeira consulta); a segunda vez levou 2 anos; a terceira, seis meses; e esta que era a quarta... somente quinze dias!*

*Eu tinha a impressão de que esta aceleração era devida ao fato de que ele estava eliminando todos os detalhes acessórios e pondo em ato o mais nuclear da sua posição da fantasia com respeito às damas. Parecia uma dessas obras teatrais nas quais pouco importam os atores, é suficiente que a obra se ponha em cena, cada vez mais resumida.*

Convém insistir na “pouca realidade” do outro da fantasia, fundamento da posição “a” do analista no tratamento, e do fato de que os analisantes nos atribuem declarações e desejos pessoais muito surpreendentes.

Bouvet pensava que o final da análise chegava quando o sujeito podia cheirar realmente o analista, digamos que topava com uma “realidade verdadeiramente real”. Porém o outro sempre nos escapa. O objeto libidinal é sempre um objeto investido, sujeito a anamorfozes diferentes para cada um. Isto é um modo de expressar que o real, o objeto “real” é impossível.

Essa pouca realidade pode produzir encontros amorosos com personagens absolutamente desconhecidos ou seres totalmente fictícios.

Vejamos um pequeno exemplo que se encontra no livro de G. Lemoine *La partición de las mujeres*.

A autora nos diz haver escutado “por acaso no rádio... estes versos inesquecíveis de um poeta árabe”.

*Quando caminhares sobre minba tumba  
de desejo rasgarei minba mortalba.*

“Por acaso”... formula o encontro de um desejo tão violento e decidido, que quase vemos o morto... em ereção.

Não engaja muito bem esta frase com uma frase da fantasia que poderia ser...

“Fazer desejar apesar de tudo”...?

Não se faz referência alguma ao indivíduo, nem à sua aparência, nem a nada, porém tais versos podem resultar “inesquecíveis”.

Existem certos versos de Quevedo que fizeram história e que apontam para o mesmo branco.

.....  
*Su cuerpo dejarán, no su cuidado  
serán amigas, mas tendrá sentido,  
polvo serán, mas polvo enamorado.*<sup>1</sup>

A criação artística está povoada de exemplos nos quais se pode ver que a “outra pessoa” não é mais do que o suporte argumentativo da fantasia.

Mencionemos apenas Otelo. Todos os comentários destacaram sempre que as manobras de Yago são

<sup>1</sup> “Seu corpo deixarão, ao seu cuidado / serão amigas, mas terá sentido/ pó serão, mas pó apaixonado”.

## DESEJO E FANTASIA

absolutamente inacreditáveis. O texto de Shakespeare nos brinda com uma imagem de Desdêmona irrepreensível, até exagerada em sua pureza. Porém este próprio exagero nos permite perguntar: que coisa torna verossímil para Otelo essa absurda rede de intrigas que Yago verte em sua orelha?

O gozo! Otelo goza acreditando que ela se comporta como “uma prostituta vulgar”. Goza do seu próprio veneno. Eis aqui uma boa demonstração de engate da fantasia. Porque Desdêmona preferirá a morte efetiva em lugar de despertar do sonho da fantasia. Sua “inocência” a impede de perceber as sombras que crescem sobre a sua vida, e sobretudo as intenções do Mouro, esse ser amado nobre e valente. O engate da fantasia pode acabar em tragédia, ponto extremo de identificação ao objeto como dejetivo da constelação significativa.

*Relatarei agora um sonho onde aparece muito claramente o que poderíamos chamar “a equivocação constitutiva” do sujeito em relação ao seu objeto.*

*O sonho começa com o analisante e sua noiva no leito. Quando ele a nomeia, erra o nome da moça.*

*Faz uma substituição qualquer. A princípio ela se aborrece e o repreende. Ele se defende argumentando que ela não tem direito de aborrecer-se tanto porque ele só se equivocou uma vez.*

*Até aqui temos uma sequência bastante cotidiana, que poderia ocorrer na vida desperta e provocar enredos mais ou menos divertidos. Porém agora vem o melhor, porque o sonho continua com a seguinte refutação por parte da dama:*

*“Você errou não somente agora, mas sempre, cada vez que disse “amada”, ou “querida”, ou “minha vida”.*

## TEORIA

*Peço que se retenha o detalhe que a personagem feminina do sonho afirma que ele errou não apenas ao nomeá-la, não disse: "cada vez que me disse", mas "cada vez que disse".*

*Toda vez que nomeou o objeto, qualquer que tenha sido sua cobertura imaginária, errou.*

*A personagem feminina do sonho não realiza a reprovação histérica do estilo: "Você ama a outra", ou "amou-a mais", etc, mas limita-se a indicar o erro, diríamos, a errância estrutural do sujeito em busca do "verdadeiro objeto", o inomeável, falta no significante que nomeie o objeto real, de modo que o nome dela não é mais que o apelido do radical da falta.*

Garcia Marquez entreviu a estrutura em uma frase breve e contundente. Ela se encontra em *El amor en los tiempos del cólera*. Recordem-se que o personagem masculino ama durante toda a sua vida uma mulher, a qual diversas "realidades" vão tornando inacessível. Somente velho consegue unir-se a ela. Enquanto isso, não se nega satisfações substitutivas, sua vida erótica resulta bastante intensa e variada, enquanto a mulher amada permanece em um horizonte mais ou menos distante. Porém, eis que ele tem uma espécie de secretária, a qual diríamos que é a única mulher do livro a quem ele jamais olhou como mulher; e assim ela passa por sua vida, quase sem rastro. E o que nos diz o autor da novela?

*"Essa foi a mulher da sua vida, porém ele não o soube jamais".*

Essa, justamente, a que não provocou o seu apetite, essa foi, ele não se deu conta.

## DESEJO E FANTASIA

O gozo deve ser considerado paradoxal em todas as suas vicissitudes. Está além do princípio do prazer e além do senso comum; embora certamente a neurose contribua com vagas de sofrimento absolutamente descartável. Sem embargo, esse descarte dificilmente ocorre sem passar por uma análise e é comum a muitos homens requerer de suas parceiras certa dose de tensão, de opressão, de exigências. Estas, conhecidas como “provas de amor”, costumam colocar-se por escrito em contratos... matrimoniais.

Essa Vênus misteriosa à qual ele, na medida do possível, cobrirá de peles, desempenhará por um tempo variável o papel de esfinge, à qual ele investirá de um saber enigmático e em geral culpabilizante.

Ao cavalheiro se apresentará então o dever “moral” de decifrar o enigma que ela retém sob as peles ou um sorriso apenas esboçado. O mistério feminino resulta desse modo ser o núcleo às vezes desconhecido de investigações e esforços mais ou menos disparatados, em áreas aparentemente dessexualizadas que, paradoxalmente, “ajudam” alguns homens a localizar perguntas mais concretas e simples.

Porque o caso comum é que a esfinge formule a demanda sob a fórmula:

“Sabe você o que é ser homem?”

Interrogação que ele costuma sentir de maneiras muito diferentes, mas que adquirem uma expressão resumida do tipo:

“Está seguro de que já não é um menino? Prove-o!”

É assim que uma mulher pode conter o ágalma sem

## TEORIA

“ter” nada na aparência. Odette fascina Swann porque ela não é acessível, só por isso!

Swann: “E pensar que perdi os melhores anos de minha vida por uma mulher que não era meu tipo.”

“Incluído no objeto *a*, está ágalma, o tesouro inestimável que Alcibíades proclama estar fechado na caixa rústica que lhe forma a figura de Sócrates.”

*Uma jovem senhora vive obcecada por seus próprios méritos os quais demonstra abundantemente ao seu esposo. Um dia começa a suspeitar que ele tem uma amante, coisa que se preocupa em provar sem sombra de dúvida.*

*Formula para ele a pergunta de praxe... algum mérito a outra terá que ela não possui.*

*O marido, provavelmente um pouco farto de tanta demonstração, sofre um rapto de inspiração e contesta: “é velha, feia, má e frígida.”*

Inspiração, porque afirma algo simples e exato, que a outra mulher não é melhor, mas que é Outra. A outra é Outra.

Ele terá um novo enigma a desvelar, poderá erigir outra esfinge. Em algumas ocasiões, bastará que ela exiba sua falta sob a forma do sofrimento, de haver padecido toda uma história de frustrações e desencontros, para dar lugar a que ele se coloque como um cavalheiro do bom encontro, aquele que a fará esquecer seu triste passado, etc, ou a libertará de algo assim como prisões mais ou menos fictícias. O matiz de dever, inclusive dever de fazer bonito que tem a sexualidade do macho, se percebe muito bem em algumas circunstâncias “patológicas”. Por exemplo, quando se sofre de impotência



## DESEJO E FANTASIA

transitória, e esta cessa, a primeira coisa que se escuta é uma espécie de alívio. Um suor frio escorre por suas costas, temor de não poder “fazer” nunca mais, de que ela lhe diga com todo direito que ele não presta ou que fala muito porém...

Se é que ele sente que, ao menos por um tempo, provou sua virilidade, então começará uma nova batalha. Quando é obsessivo, a luta tende a modelar a dama segundo seu capricho, mostrar-lhe como tem que ser ou pensar, como evoca o mito de Pigmalião.

Quando é histérico, a frente principal é o valor fálico: ser o mais sedutor dos dois, aquele que atrai os olhares.

Tradução: Marcus do Rio Teixeira

Revisão: Ricardo David Goldenberg

### **Sobre o Autor:**

Psicanalista (A.M.E.) da Escola Freudiana de Buenos Aires. Ex-professor adjunto da Universidade de Buenos Aires. Ex-membro do comitê de redação dos *Cadernos Sigmund Freud* e da *Psyché*. Autor do livro *Apuntes clínicos de um psicoanalista* (Lugar Editorial, Buenos Aires 1994). Ex-supervisor dos hospitais: Tobar García, Aráoz Alfaro e Centro de Saúde Mental nº 3